

# AS MUITAS FACES DE ÁLVARES MACHADO

Duílio BATTISTONI FILHO

Uma das figuras mais proeminentes da vida pública brasileira, verdadeiro baluarte das causas nobres, é Francisco Álvares Machado e Vasconcelos, misto de cirurgião e parlamentar. Descendente direto de Amador Bueno da Ribeira **aquele que não quis ser rei de São Paulo** em 1640, quando Portugal se libertou do jugo espanhol depois de sessenta anos - e do bandeirante Fernão Dias Pais, **o caçador de esmeraldas**. Mais conhecido como Álvares Machado, este paulistano nasceu a 21 de dezembro de 1791, nas imediações do sítio em que se erguia, até há pouco tempo, o antigo Quartel do Corpo de Bombeiros, na rua Anita Garibaldi.

Fez os seus estudos elementares no lar e depois com os frades dos conventos do Carmo, São Francisco e São Bento. Com o pai, o cirurgião-mor Joaquim Teobaldo Machado e Vasconcelos, aprendeu a ciência médica, alcançando a licença de cirurgião, profissão em que conquistou a habilidade de grande operador. Entretanto, assistiu a algumas preleções com o célebre cirurgião-mor do Reino, José Correia Picanço (1745-1823), no Rio de Janeiro, conforme documentos guardados no arquivo da família. Entrou, como ajudante de cirurgião-mor, em 1806, na Legião dos Voluntários de São Paulo, ali permanecendo durante três anos como discípulo do Dr. Mariano José do Amaral, físico-mor do Hospital Militar<sup>1</sup>. Deve-se ressaltar que, nessa ocasião, não havia ainda no Brasil Faculdades de Medicina. Entretanto, vivia mergulhado nos compêndios de Ciências Naturais e Anatomia. Além disso, possuía bons conhecimentos

---

<sup>(1)</sup> Natural do Rio de Janeiro, bacharel em Filosofia e Medicina pela Universidade de Coimbra e lente da Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro. Em 1804 deu mn Curso de Cirurgia no Pátio do Colégio em São Paulo. Entre seus alunos estava Joaquim Teobaldo Machado e Vasconcelos.

de Literatura, principalmente dos clássicos portugueses, sobretudo Camões e Gil Vicente.

Certa vez, encontrando-se provisoriamente em Santos, a serviço num hospital militar, teve que atender a um pedido urgente de um capitão de um baleeiro inglês para socorrer um dos marujos do barco o qual, ao cair violentamente de um dos mastros ao convés, fraturara o crâneo. Álvares Machado fez a trepanação com grande êxito e assim o marujo foi salvo. O capitão, em reconhecimento, quis levá-lo para a Inglaterra para que pudesse aperfeiçoar seus estudos. Contudo, o governo de São Paulo, por motivos obscuros, não autorizou sua ida para esse país europeu. Em 1812, Joaquim Teobaldo foi chamado para atender um paciente na vizinha cidade paulista de Itu levando o filho como auxiliar. Depois de algum tempo nessa cidade, tentando controlar com muita energia e determinação uma epidemia de varíola que assolara a cidade, Joaquim foi taxado de prepotente, egoísta e autoritário. Aborrecido com a situação, retorna a São Paulo, mas deixa o filho no povoado. Álvares Machado, na ocasião, conta com a proteção e auxílio do tenente Manuel Pacheco Gato, que o convida para morar na sua chácara **Piedade**, e o rapaz acaba ali permanecendo um bom tempo<sup>2</sup>.

Pela vocação natural e pela prática adquirida no quartel, recebia os doentes. Conta-se que ele operou um moço chamado Silva, pobre e cego, com um instrumento de ferro em forma de lâmina de canivete extraindo-lhe a catarata com grande sucesso. Foi a primeira operação de catarata efetuada na América Latina e por isso foi reconhecido como o primeiro oftalmologista brasileiro, chegando a anteceder o célebre Dr. Antomarchi, famoso oculista itinerante nas Américas do Norte e Central, depois de ter sido médico de Napoleão I, em Santa Helena. Sua atividade médica era intensa não só na oftalmologia como na redução de hérnias e cirurgia de algália. Sempre zeloso com os seus pacientes e querendo sempre se aperfeiçoar, mandava vir de Paris, da Casa Charrière, seus instrumentos cirúrgicos. Como gratidão, em 1814, foi nomeado cirurgião-mor do Primeiro Regimento de 2ª linha, confirmada por carta patente de D. João VI.

Sempre muito curioso com as coisas culturais, procura estudar Direito, sua nova paixão, pois já se sentia com vocação para a política

<sup>(2)</sup> Florence, Francisco Álvares Machado. *Francisco Álvares Machado e Vasconcelos*. Revista Paulista de Medicina, 1981, nº 9, p.2.

liberal e social. Perfeitamente adaptado à cidade e tendo um vasto círculo de amizades, une-se a d<sup>a</sup> Cândida de Barros, pertencente a uma das mais tradicionais famílias ituanas<sup>3</sup>. Segundo as más línguas teria raptado a noiva, num gesto tresloucado de grande paixão.

Absorvido também pelas novas atividades políticas, fez parte de um grupo liberal que procuraria lutar pelas boas causas. Nomes como os do padre Feijó, Vergueiro, Paula Souza, para citar alguns, muito fariam em prol do liberalismo e teriam um futuro promissor na política brasileira.

Nessa ocasião, o mundo ocidental era varrido pelos ideais da Revolução Francesa, que determinava o fim dos governos absolutos. Em 1820 eclode na cidade do Porto, em Portugal, uma revolução constitucionalista. Clamava-se pela convocação das Cortes e por um governo constitucional, sob a dinastia de Bragança. Foi imensa a repercussão desse acontecimento nas províncias brasileiras. No Rio de Janeiro, povo e tropa compeliram D. João VI a jurar, desde logo, a Constituição que em Lisboa estava sendo elaborada e deveria ser aplicada ao Reino do Brasil. Com o decreto de juramento à nova Carta, publicaram-se instruções para a eleição de deputados às Cortes, conforme se anunciou em São Paulo, pelo Bando de 12 de março de 1821. Reuniram-se, então, os eleitores paroquiais de Itu para escolherem aqueles que deveriam formar a Junta da Província para a eleição dos deputados às Cortes. O ouvidor de Itu presidiu a reunião e deferiu ao Colégio Eleitoral o juramento à nova constituição portuguesa. Por proposta de Nicolau de Campos Vergueiro, Paula Souza e Álvares Machado fez-se sentir ao presidente da província Oeynhausen a necessidade do cumprimento daquele decreto<sup>4</sup>. Portanto, a ação desses três compatriotas fez com que São Paulo se antecipasse em abraçar a grande idéia liberal que, proximamente, anunciaria a emancipação política do Brasil.

Depois de algum tempo em Itu, Álvares Machado procurou novos ares para atender as populações mais necessitadas. Por isso, transferiu-se para a vizinha Porto Feliz. Nessa cidade, senhor de grande reputação médica, procurou também incrementar os ideais liberais entre a

---

<sup>(3)</sup> O casamento só seria oficializado em 1834 numa cerimônia na Igreja da Candelária no Rio de Janeiro.

<sup>(4)</sup> Duarte, Manuel. *Discurso*. Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, 1946, n<sup>o</sup> 102, p. 178.

população. Tanto é verdade que, graças aos seus conhecimentos políticos, foi nomeado Juiz e capitão-mor do povoado. Segundo Vicente Themudo Lessa, no seu estudo **Reminiscências de Porto Feliz**, Alvares Machado participou ativamente da vida social dessa cidade, chegando a relatar grandes acontecimentos festivos como a chegada do primeiro piano, acontecimento incomum no povoado, a 2 de maio de 1820. Esse instrumento musical foi carregado por escravos vindos da Guiné, todos cantando e com duas bandeiras ornamentadas de flores. Álvares Machado adquiriu um respeitável patrimônio, principalmente sesmarias ao longo do Tietê e do Piracicaba.

Nessa época, no Rio de Janeiro, o Cônsul Geral da Rússia, o Barão George Heinrich von Langsdorff, é encarregado pelo Czar Alexandre I da Rússia de organizar uma expedição científica a fim de estudar certas regiões brasileiras muito pouco conhecidas. Para tanto escolheu os seus componentes, como o pintor Rugendas, o astrônomo Rubzoff, o zoólogo Hasse e o botânico Riedl. Ainda no Rio de Janeiro, Rugendas se desligou do grupo e foi substituído por Amado Adriano Taunay. Hasse não foi além de Porto Feliz, desligando-se também do grupo para se casar. Um segundo artista, o francês Hércules Florence, participaria da expedição. Mais tarde se radicaria em Campinas e teria um importante papel como inventor da fotografia. A expedição parte do Rio de Janeiro a 3 de setembro de 1825, indo por terra até Porto Feliz, à margem do Tietê.

Hércules Florence deixou um Diário<sup>5</sup> dessa verdadeira aventura. Deixando de lado os aspectos científicos, conta, por exemplo, que graças a uma carta de recomendação feita pelo Dr. Karl Engler - botânico e respeitável médico austríaco radicado em Itu, endereçada a Álvares Machado - pôde aqulatar os amplos conhecimentos deste da região e das práticas monçoeiras. Segundo seu relato, ficou encantado com a fidalguia e o tratamento proporcionados a ele, como se fosse um membro da família. As conversas eram sempre animadas, versando sobre diversos assuntos, desde Ciência até Literatura. Álvares chegou a emprestar ao francês livros de procedência francesa e portuguesa. Fê-lo conhecer Camões e Bocage, dentre os clássicos portugueses.

---

<sup>5</sup> Florence, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas*. Edit. Cultrix, 1977.

Quanto aos preparativos da expedição, o auxílio de Álvares Machado foi inestimável. Enaltecia a necessidade do caminho fluvial, o mais exequível, pois a região de Mato Grosso já estava trilhada e bastante conhecida. Poderia ter preferido a via platina, mas a guerra da Cisplatina provavelmente constituísse uma barreira. O único desconforto eram os mosquitos. Em Porto Feliz, foram os expedicionários obrigados a uma considerável demora para os aprestos da longa viagem. Incansável, Álvares ajudou a contratar mestres construtores e operários. Cuidou pessoalmente da provisão de quatro meses e daquilo que seria necessário para a viagem, como aquisição e estoque de gêneros alimentícios, armas e munições, medicamentos, utensílios como facões e foices para o desbaste dos matos, remos altos e rijas varas para facilitar a subida dos rios, ganchos para manter os barcos presos aos ramos das árvores e tendas. Duas grandes pirogas ficaram prontas em três meses. Foram ainda contratados um guia, um piloto, dois ajudantes, três proeiros (homens que vigiam a proa) e dezoito remadores<sup>6</sup>.

O Barão Langsdorff também deixou um Diário<sup>7</sup> contando que Álvares Machado morava em uma casa com jardim cujos fundos davam para uma breve encosta onde corre o Tietê (hoje é a rua Altino Arantes). Depois de completados os preparativos, a expedição parte no dia 22 de setembro de 1826, dirigindo-se para o norte, tendo como meta atingir o rio Amazonas. Langsdorff conta que Álvares Machado se dirigiu à sua canoa e com os olhos marejados de lágrimas despediu-se deles<sup>8</sup>.

Sabemos pela leitura dos diversos relatos que a expedição foi pródiga em resultados científicos, apesar de inúmeros contratemplos, como, por exemplo, a morte por afogamento de Taunay e os problemas mentais de Langsdorff. Basta dizer que o herbário remetido a São Petersburgo continha 60.000 espécimes, além de desenhos riquíssimos. O governo russo gastou a quantia de 88.200 francos, durante três anos, com essa aventura.

Depois de algum tempo, a pedido de uma irmã que tinha perdido o marido em Campinas e sem recursos, Álvares Machado muda-se para essa cidade. Essa senhora era mãe de Joaquim Corrêa de

---

<sup>(6)</sup> Florence, Hercules, op. cit. p. 19.

<sup>(7)</sup> Os Diários de Langsdorff. Edição Fiocruz, 1997, 3 vols.

<sup>(8)</sup> Idem, vol. 2, p. 126.

Mello, que mais tarde seria uma das grandes personalidades do mundo botânico brasileiro e grande amigo do imperador D. Pedro II. Ao se estabelecer em Campinas, Álvares Machado foi nomeado Juiz Ordinário Adjunto e fundador do Clube Liberal. Nessa ocasião, o povoado passa por uma grande prosperidade econômica, graças à produção açucareira. Contudo os primeiros cafezais já começam a despontar nos arredores, e Alvares estimula a sua cultura, pois as terras eram propícias à germinação da semente. Continua a exercer a cirurgia e com isso ganha uma respeitável clientela. Foi proprietário da primeira botica na vila. Sua filha, Maria Angélica de Vasconcelos, a 4 de janeiro de 1830, casa-se com Hercules Florence, passando também a morar na vila<sup>9</sup>.

Como um dos cabeças pensantes do Clube Liberal de São Paulo, Álvares Machado elegeu-se deputado com assento na Assembléia Provincial (1830), da qual foi presidente e um dos oradores mais acatados e aplaudidos. Em maio de 1833 presta juramento como promotor público em Campinas. Mas, quatro meses depois demite-se do cargo por ter sido eleito Deputado Geral na legislatura (1834-37) e passa a residir no Rio de Janeiro. Nesse tempo, estava no auge da fama como cirurgião, atendendo doentes tanto no Rio como em Campinas<sup>10</sup>.

Muito apegado à família e pai exemplar, Álvares manda uma carta em 3 de outubro de 1834 à sua filha acerca de sua união com d<sup>a</sup> Cândida, vasada nos seguintes termos:

### **Minha querida filha**

**Hoje casei-me com vossa May na igreja da Candelária, onde somos parochianos; o acto do casamento, declaramos que vós ereis nossa filha legítima, de que se tomou assento. Foram padrinhos - o Doutor Vergueiro e sua mulher, o doutor Dias de Toledo, como procurador do Paula Souza e Joaquim Floriano de Toledo, como procurador de Rafael Tobias de Aguiar.**

<sup>(9)</sup> Hercules Florence se dedicou a vários inventos como a Poligrafia, processo que simplificava a tipografia. Realizou suas primeiras experiências fotoquímicas e usando uma pequena caixa, confecciona uma câmara-escura, dando origem à fotografia.

<sup>(10)</sup> Apesar de hábil oculista, Álvares Machado não conseguiu curar a cegueira do famoso orador sacro Frei Francisco de Monte Alverne (1784-1858).

**Minha filha, é mister não fazer disto nem bulha, nem alarde; isto dever ser tratado como cousa muito natural, e mesmo como cousa já acontecida; por isso nada de motins, de festas. Si daqui há alguma alegria ella deve ser domestica, toda passada no seio da família.**

**Abraçaê meus netos e vosso marido e recebei o coração de vossa May, que em lágrimas, vol-o manda, e todo o sentimento do fraternal amor que vos envia.**

**Vosso Pay e amigo**

**Francisco Álvares Machado e Vasconcelos**

Em 1834, mandou o jovem Joaquim Corrêa de MeIo ao Rio de Janeiro a fim de freqüentar o Curso regular de Farmácia. Após dois anos de estudos, recebeu o tão festejado diploma. Ao retornar a Campinas, tornou-se sócio da botica do seu protetor. Seus amigos contam que apelidado de **Quinzinho da Botica**, fez de sua propriedade um verdadeiro laboratório de Física e Química. Não raro, percorria as matas da redondeza colhendo espécies de plantas, que classificava meticulosamente para exportá-las<sup>11</sup>. Foi condecorado por diversas sociedades científicas internacionais, inclusive pela Sociedade Linnean de Londres que deu o seu nome a uma planta classificada por ele de **alliberta melloana**.

Estando no Rio e exercendo suas funções de deputado geral, Álvares Machado foi o intermediário na compra da primeira tipografia de Campinas para o genro Hercules Florence, adquirida por 800\$000.

O período compreendido entre 1823 e 1831 foi marcado por uma série de conflitos políticos e dificuldades econômicas para o Brasil. Isso provocou um desgaste crescente na popularidade do imperador D. Pedro I, atingindo níveis insuportáveis, principalmente quando o monarca se envolveu na luta pelo trono português com a morte do pai, D. João VI. Os brasileiros, entre eles, Álvares Machado, começam a desconfiar das intenções do imperador, pois estava tendo atitudes absolutistas. Crescia também o boato de uma recolonização por parte de Portugal.

A imprensa exigia o afastamento do imperador da questão sucessória, mas o seu comportamento permanecia ambíguo. A situação foi

<sup>(11)</sup> Salles, Francisco José Monteiro. *Joaquim Corrêa de Mello*. Publicações da Academia Campinense de Letras, 1978, nº 38, p. 8.

agravada com o assassinato do jornalista Libero Badaró, em 1830, crítico ferrenho do chefe da nação. Álvares Machado, nessa ocasião, estava em São Paulo e chegou a assistir os últimos momentos de vida do jornalista, mas os seus esforços foram em vão. A imprensa e a população cerraram fileiras contra D. Pedro, pois se acreditava que ele estaria envolvido com o assassinato do jornalista. A oposição crescia em todas as províncias. Por fim, perdendo o apoio de importantes setores da imprensa, das elites urbanas e do exército, ele abdica em 7 de abril de 1831.

Com a abdicação de D. Pedro I, a aristocracia rural brasileira assumiu o controle direto do aparelho do Estado imperial, consolidando a autonomia do Brasil em relação a Portugal. Ao mesmo tempo, esse fato abriu uma série de indefinições e instabilidades políticas. As várias frações que compunham a aristocracia concordavam em relação aos objetivos fundamentais do novo governo, mas discordavam quanto aos meios. Por exemplo, era consenso que o governo deveria criar um sistema político no qual somente as elites agrárias tivessem poder e influência. A estrutura econômica deveria ser mantida a qualquer custo: as grandes propriedades e a escravidão eram intocáveis. Mas elas discordavam em relação ao grau de autoridade do governo central, sediado no Rio de Janeiro. Havia grupos que defendiam um governo central forte: este seria a única forma de garantir a ordem em todo o país e a integridade territorial de uma nação de dimensões continentais. Outros acreditavam que um governo central forte representaria uma ameaça ao poder local, exercido pelas elites agrárias de cada província. Essa divergência estimulou ideais separatistas.

Uma coisa é certa: a aristocracia agrária escravista assumiu o controle do governo de forma direta. Isso, entretanto, não significou o fim da monarquia. Temendo a popularização da idéia de que o poder poderia se tornar **uma coisa pública**, as elites implantaram de imediato a Regência, forma de preservar a instituição monárquica, enquanto o herdeiro do trono não atingisse a maioria.

O período em questão pode ser considerado uma fase de consolidação do poder dos moderados. Foi um período difícil, pois eles enfrentaram a oposição dos exaltados, que desejavam a República, e a oposição dos restauradores, que trabalhavam pelo retorno de D. Pedro I. Os exaltados foram neutralizados por meio de uma repressão sistemática

e violenta. Os restauradores, com o falecimento de D. Pedro, em 1834, perderam a razão de ser.

Derrotados os opositores, os moderados vão criar novos mecanismos para o exercício do poder, que seria a criação das regências trina e una, e da Guarda Nacional para reprimir movimentos contrários à ordem aristocrática. Lentamente, cristalizaram-se duas tendências: uma delas defendia um governo central forte para evitar ameaças à integridade territorial do país (ficariam conhecidos posteriormente como conservadores). A outra defendia maior autonomia para as províncias, que temiam que a excessiva interferência da antiga metrópole portuguesa fosse substituída pela do Rio de Janeiro (posteriormente, liberais).

Eleito Deputado Geral a partir de 1834, Álvares Machado, vivendo nesse contexto, percebeu que o governo conservador do regente Araújo Lima mostrava-se incapaz de garantir a ordem no país. A única forma de assegurá-la era restaurar a autoridade imperial, antecipando a coroação do jovem D. Pedro e introduzindo reformas na Constituição que lhe garantissem plenos poderes. Quer dizer, os liberais abririam mão de seus ideais autonomistas e pugnariam por uma monarquia centralizada, única forma de garantir a integridade territorial e a estabilidade política da nação.

Percorrendo os Anais da Câmara dos Deputados, observamos as lutas constantes que Álvaro teve de enfrentar contra os seus opositores, ao defender a maioria, e os eminentes parlamentares, defensores da continuidade da Regência, como Bernardo Pereira de Vasconcelos. Dentre os inúmeros discursos proferidos na Câmara dos Deputados, memorável foi o de 14 de julho de 1840 na defesa desse ideal. Mesmo doente, falou durante três horas a ponto de chamar a atenção, pela sua eloquência, muitas vezes cheias de ironia, de seus adversários mais ferrenhos, como Carneiro Leão. Nessa brilhante peça oratória, comenta o problema da maioria na história de diversos países europeus, a começar pela França, cujos publicistas, nas constituições de 1813 e 1830, asseveraram que o regulamento da maioria dos reis é ditado pelas ordenações de Carlos V. Diz Álvares Machado: **ora, se muitos reis de França subiram ao trono mesmo antes de 14 anos, como, por exemplo, Lotário XIII, se Filipe I, Filipe II subiram ao trono na idade de 15 anos, Filipe IV de 17 anos, Luís IX foi declarado rei na idade de 12 anos, sendo regente a rainha Branca, sua**

mãe. Ora, se os reis franceses podem subir ao trono na idade de 12, 13, 14 e 15 anos, e se estas cousas passaram nos tempos de absolutismo, com quanto mais razão não poderá entre nós, debaixo do céu da América, em que o desenvolvimento físico e intelectual parece mais acelerado, porque não poderá, digo, no meio de nós, o Sr. D. Pedro II tomar conta das rédeas do governo? Mais ainda: na Constituição portuguesa aprovada por D. Pedro IV no seu artigo 91, aliás copiada da nossa, a de 1824, não se menciona a idade em que o rei governa, já que a lei civil determina que os soberanos obedeçam a lei consuetudinária dos tempos antigos<sup>12</sup>. A seguir faz uma análise da realidade brasileira, principalmente com relação às revoltas nas províncias. Em um certo momento pergunta: **Qual o meio de tirar o Brasil desse aviltamento? É elevar a pessoa de D. Pedro, contento-me em amá-lo como garantia de paz, ordem e prosperidade e não como fonte de graças e favores.** Certa ocasião, indignado, chegou mesmo a se reunir com o povo e a tropa amotinada no Campo de Santana, no Rio de Janeiro, clamando pelos seus ideais. Tentou organizar em Campinas uma coluna de oitocentos voluntários que estariam dispostos a lutar contra os adversários da maioria. Sendo maçom, chegou a fundar a **Sociedade dos Defensores da Liberdade Nacional.**

Após várias articulações políticas na Câmara, os liberais, tendo Álvares Machado à frente, conseguiram em julho de 1840, desencadear o golpe que consistiu na antecipação da maioria de D. Pedro de dezoito para quinze anos, viabilizando assim sua ascensão ao poder. Começava o Segundo Reinado.

O fato repercutiu em todos os cantos do país e em todas as cidades. Álvares saiu engrandecido dessa contenda a ponto de ser chamado de campeão da maioria. A Câmara Municipal de Campinas enviou o seguinte ofício:

**A Câmara Municipal da Vila de São Carlos, apreciando  
Os relevantes serviços prestados por V. S. a bem de nossa cara  
Pátria, especialmente para a declaração da Maioridade do Sr.**

<sup>(12)</sup> Discurso na Câmara dos Deputados, em 14 de julho de 1840. Transcrito do volume A declaração da maioria de sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II, desde o momento em que essa idéia foi aventada até o ato de sua realização. Rio de Janeiro, 1840. Reimpressão do "Brasil Histórico", preparada por Eugênio Egas. São Paulo, Tip. Brasil, 1916, pags 41-46.

**D. Pedro II, ao assumir o Governo do Império, se congratula com V. S. e envia a V. S. a felicitação inclusa, dirigida a S.M.I. E C. para que V. S. tenha a bondade de entregá-la ao mesmo Augusto Senhor. Deus guarde a V. S. Paço da Câmara de São Carlos, 9 de agosto de 1840 - Ilmo Sr. Deputado Francisco Álvares Machado e Vasconcelos.**

**Custódio Manuel Alves, Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, Joaquim Pereira Barreto, João Albertino de Seixas, José de Campos Souza.**<sup>13</sup>

Enquanto isso, continuava no Sul a revolta dos Farrapos. Com o intuito de assinar a paz com os rebeldes, Álvares Machado é nomeado presidente do Rio Grande do Sul, já que tinha muita ligação com essa região, pois muitos de seus ancestrais provinham de lá. Empossado nesse relevante cargo a 30 de novembro de 1840, sua principal tarefa seria convencer Bento Gonçalves da Silva, chefe dos rebeldes, a assinar uma anistia que garantisse a paz na região. Apesar de cumulá-lo de presentes, especialmente vinhos e marmelada, Álvares não foi feliz nesse cometimento. O jornal da oposição **Sete de Abril**, redigido por Bernardo Pereira de Vasconcelos, ironicamente acusou-o de presidente marmelada. Desgostoso e sem cumprir a sua missão, retorna ao Rio de Janeiro. Somente em 1845 é que a região pode ser pacificada, graças a Duque de Caxias.

Eleito para a Quinta legislatura de 1842, não chegou a tomar posse em virtude da revolta liberal nesse mesmo ano, em São Paulo, o que provocou o afastamento dos liberais do poder.

Em 1846 envia ao seu filho Joaquim Ignacio, em Campinas, uma carta de felicitações pelo prêmio ganho por ocasião das cavalhadas nesse ano, e que contou com a presença, pela primeira vez, do imperador D. Pedro II. A carta é muito significativa e por isso vamos reproduzi-la:

**Joaquim Ignacio.**

**Tenho estimado muito o ter-de-vos sahido tão bem nas cavalhadas.**

<sup>(13)</sup> Octávio, Benedito. *Álvares Machado*. Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, nº 44, 1916, p. 51.0.

**Não vos desfaçais do relógio que o Imperador vos deu; é uma prenda do soberano e as prendas dos soberanos com servam-se toda a vida. Eu vou indo sempre melhor, mas muito fraco ainda; pretendo sair para o Rio no dia 16 do corrente e ver se lá convalesço, como da vez passada dae muitas lembranças a minha comadre, vossa mulher**

**Minha bençã a minha neta e afilhada e você receberá**

**O coração de vosso Pae,**

**(a) Francisco Alvares Machado e Vasconcelos**

**São Paulo, 1 de abril de 1846.<sup>14</sup>**

Percebemos pelo teor desta carta, que Álvares Machado estava bastante adoentado e sem forças. Por isso, redige o seu testamento vasado nos seguintes termos:

**Eu, Francisco Álvares Machado e Vasconcelos, achando-me gravemente enfermo nesta cidade de Niterói, bairro de São Domingos, no meu perfeito juízo, prevendo a morte, etc. Sou natural da cidade de São Paulo, onde nasci em 21 de dezembro de 1791, filho legítimo de Joaquim Theodoro Machado e sua mulher dona Maria Álvares de Cerqueira Bueno. Casado com Maria Cândida Maria de Barros e dele tive uma filha de nome Maria Angélica de Vasconcelos, casada com Hércules Florence. E um filho natural de nome Joaquim Ignacio de Vasconcelos. Peço que com meu entêrro se faça a só indispensável despesa para salvar a decência.<sup>15</sup>**

Pouco depois, em 4 de julho de 1846 falecia em Niterói, sendo sepultado no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. No seu inventário, deixou os seguintes bens: uma morada de casas situadas no pátio da Matriz; uma casa situada na rua do Rosário (Francisco Glicério) avaliada em 3:500\$000; um terreno todo murado formando uma chácara no largo Carlos Gomes nas imediações da rua Boaventura do Amaral; uma sesmaria na Vila de Constituição (Piracicaba); bens em Porto Feliz; uma escrivania de prata de 368 oitavas; três estojos de operação de catarata ganhos da rainha Vitória da Inglaterra; um termômetro; um dicionário da língua Guarani; outros de Inglês e Francês; livros de Medicina de autores

<sup>(14)</sup> Idem, p. 53.

<sup>(15)</sup> Ibidem.

consagrados como a **Medicina Doméstica** do médico inglês Guilherme Buchan, traduzida para o Português, em quatro volumes, e que no dizer do historiador Lycurgo de Castro Santos Filho **teve grande aceitação no país, somente cedendo lugar de preferência em meados do século XIX ao Dicionário de Medicina Popular, do Dr. Chernovitz**; outros autores médicos despontam como as obras de Cuvier, Hipócrates e Berenger, para citar alguns; quanto às obras literárias e políticas destacamos Rousseau, Montesquieu, Camões e Gil Vicente. Títulos curiosos observamos em sua livraria como O Cozinheiro Parisiense, Idade Crítica das Mulheres e os 13 volumes dos Arquivos das Descobertas. Não podemos esquecer entre os seus bens, a botica em sociedade com seu sobrinho Joaquim Correia de Mello<sup>16</sup>.

Deve-se ressaltar que d<sup>a</sup> Cândida faleceu em 1 de março de 1864. A Câmara Municipal de Campinas, em honra da memória do grande cirurgião e parlamentar, deu, em 11 de dezembro de 1871, seu nome a uma das ruas situadas nas proximidades do Mercado Municipal. Mais tarde, também uma cidade do estado de São Paulo teve o seu nome na microregião de Presidente Prudente.

---

<sup>(16)</sup> *Ibidem*.

